

Cópia

Cacilhas, Almada, 12 de Abril de 1979

Exm^o Snr. **Dr. Fernando Namora**
Digníssimo escritor

As considerações da presente carta, que V.Ex^a pode tomar como ofensivas ou simplesmente importunas, como ousadia em ~~minha~~ em penetrar atrevidamente no espaço, ~~no espaço~~ tido como inacessível, de um escritor consagrado, não me impedem de admirar, com o respeito devido, a sua obra de escritor. Será esta a minha posição intelectual de leitor perante os interessantes livros da sua autoria já publicados.

Permita-me, porém, que me dirija a V.Ex^a para lhe expressar o meu espanto e profunda pena perante ~~XXXXXXXX~~ a crítica que V.Ex^a apresentou na T.V. de ontem, dia 11, em que V.Ex^a se ocupou de um pequeno filme de categoria muito inferior, quase infantil ali exibido sobre a grande e incomparável figura de Leão Tolstói. O principal factor do meu doloroso espanto consistiu em constatar a leviandade, tanto de V.Ex^a como dos realizadores desse insignificante filme, em babujarem com conclusões, incompletas e deformativas, o pedestal daquele grande homem, apresentando-o num plano baixo e insignificante como se de um obscuro descendente de famílias nobres se tratasse. Tolstói, diga-se desde já, transcendeu esses planos de vida aristocrática do tempo do czarismo. O mundo criado por Tolstói transcende tudo quanto rodeou o seu nascimento, a sua vida e a sua obra. Se as inépcias da mitologia não estivessem de há muito relegadas para o campo dos poetas e prosadores anacrónicos de baixa categoria, Tolstói seria, com justiça, com propriedade, tido como um semi-deus, tal o poder da sua imaginação e do seu génio e das suas concepções, religiosas e políticas, sem parceiro.

E como apresentou V.Ex^a aquela grande figura da Humanidade e como apresentou o filme? Trabalho tão fraco que não excedeu a confecção de um ponto de exame apresentado por um bom aluno do 7º ano liceal. Todas as fases da vida de Tolstói, apresenta-as V.Ex^a, parece que propositalmente ou por ignorância mais profundamente, muito pela rama, e assim caminha, paralelamente ao filme, que apresenta cenas deformadas, de desenho vago, qual croquis, e uma abundância de arvoredo, águas e aspectos atmosféricos, tudo isto, afinal, inserido com o propósito de não dizer nada. Os testemunhos do tolstoiano Jaime de Magalhães Lima,



são muito escassos; para isso seria preciso ler os escritos deste grande escritor, tão pouco conhecido hoje.

Assisti à exibição desse filme, segui as suas palavras, na esperança de ouvir qualquer coisa justa e verdadeira sobre Tolstoi, uma palavra que viesse confirmar o conhecimento real da personalidade de Tolstoi. Mas, mais uma vez este grande pensador, como muitos outros anarquistas e como tudo o que lhes cheire a movimento libertário ficou marginalizado. Infelizmente, é desta forma que se alude aos temas e aos personagens reais que tiveram na vida uma atitude de revolta, um pensamento livre de libertário, como foi Tolstoi. Escondendo, cortando, deformando, reduzindo, dando gato por lebre, que é o que fazem os detentores da moral reinante que é preciso não ofender, os defensores do part pris inamovível que constitui esta sociedade de rebanho, ainda hoje defendida pela força dos preconceitos e pela força das armas.

E isto continua nesta pretensa sociedade democrática em que se dão as mãos o preconceito, a cruz e a espada. E Tolstoi, e os grandes vultos da humanidade vão ficando na sombra para não ofender o espírito tacanho do reaccionário, do padre e do burguês.

Nestas circunstâncias, existe na sociedade actual, e principalmente no momento pós-25 de Abril, em Portugal, um ambiente de medo e de cumplicidade tácita, pior que a anterior a esse 25 de Abril, pois, nesta situação, a Censura cortava, mas falava-se (ratava-se) livremente por detrás dela; e agora, não se corta nada oficialmente, não, mas age-se na sombra, suspende-se na sombra, a comunicação é sofismada e, da mesma forma reaparece o medo e a censura. Devo dizer a V. Ex^a que, com as palavras que atrás deixo, não o quero ofender. A felonía campeia por toda a parte, as ideias de libertação social são atabafadas pela ideia do viver bem com todos. Muito bem, eis a marginalização!

É provável que V. Ex^a conheça de Tolstoi tanto ou mais do que eu conheço e que simpatize sinceramente com ele. Se é assim, porque não falou claro e mais abundantemente na T.V.? Falar na T.V. parece ser uma grande honra, só dada a eleitos. E essa grande honra, como já temos constatado, é por vezes abruptamente cortada quando os honorificados vão além da censura tevista. Só assim, e desta forma, relativamente, é que posso desculpar a fraca apresentação de Tolstoi na noite passada.

Tolstoi, segundo vários sociólogos competentes, entre ^{os quais} Dr. Eltzbacher, no seu livro sobre o Anarquismo, figura como um dos principais representantes e teorizadores dessa ideologia, pela sua negativa muito original do aparelho do Estado, da Autoridade, que ele, apesar de cristão, mas cristão livre e humano, não celestial, nega a qualquer homem, nega mesmo a deus, que considera apenas uma entidade moral e não o deus das religiões que ele repudia. Como anarquista, Tolstoi opõe-se ao serviço militar porque é absolutamente contra a guerra,

contra o patriotismo e a sujeição social, depois de ter experimentado os horrores de Sebastopol. É pelo colectivismo agrário, não porque se interesse especialmente pela cultura das batatas ou das couves, etc., como qualquer sujeito que pretende esquecer a vida amarga do dia a dia. Mesquinha ideia do grande homem! A sua preferência pela vida camponesa tem um alto e grande significado. Ele pretende criar um conceito económico livre, libertar o camponês tão atrozmente ofendido, propor aos homens uma vida livre, económica e politicamente, dentro da sociedade libertária. É o anarquista Tolstoi que temos na nossa frente, e não o interessante e caprichoso fidalgo escritor, que dá no gotto ao burguês liberal! É o partidário da não violência e inspirador do gandhismo, inimigo da sociedade autoritária e capitalista. Em todo o mundo, surgiu enorme admiração por este colosso do anarquismo, pessoas abrigando crenças religiosas, mas livres do despotismo das igrejas, foram os Christen-anarchisten tolstoianos. O seu pensamento libertário inspirou revoltados de todo o mundo como aqueles que, entre outros, fizeram a colónia da "Internationale de Broederschap, em Blaricum, que camponeses católicos guiados por padres católicos destruíram na Páscoa de 1903 a qual tinha sido pouco antes visitada pelos irmãos Reclus, outros marginalizados na chata sociedade burguesa de hoje. E que pensa V. Ex^a da Escola livre para todos que Tolstoi manteve e um reles inspector denunciou à polícia e foi encerrada e presos os seus colaboradores? Não teria sido interessante contar isto na T.V.? O pensamento de Tolstoi acha-se suficientemente exemplificado pelos seus escritos (não só o "Guerra e Paz" ou "Ana Karénina") mas a propaganda das suas ideias sociais, editadas há tantos anos pela Editora Guimarães, ainda hoje existente na Rua da Misericórdia.

A história da morte de Tolstoi não se deveria contar como a simples anedota da teimosia de um velho rebelde. O drama de consciência que tudo isso representou! A sua morte é o glorioso coroamento de uma nobre vida saída dos meios aristocráticos corrompidos e que foi ascendendo gradualmente até o final.

Falar de Tolstoi, como fizeram no filme de ontem, e V. Ex^a ajudou com a sua apreciação crítica, é uma atitude inútil e até prejudicial, porque resulta um amesquinhamento daquela grande figura incompreendida, da qual para não dizer tudo e com verdade, mais vale não falar.

Com muita consideração pela obra literária de V. Ex^a, subscrevo-me com muita consideração, de V. Ex^a

um militante da Causa anarquista

Francisco Nóbrega Quintal

do jornal "Voz Anarquista"

Apartado nº 40 - 2801 Almada Codex

